

LABORATÓRIO THINK OLGA DE EXERCÍCIOS DE FUTURO

SUMÁRIO

O empobrecimento, a sobrecarga de cuidado
e o sofrimento psíquico das mulheres 3

PANORAMA DA SAÚDE MENTAL FEMININA

Antes de mais nada: o que é saúde mental? 8

A saúde mental no Brasil 9

Impacto da pandemia 11

Onde estamos hoje? 13

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

Índice de insatisfação com as áreas da
vida 17 Índices de adoecimento entre mulheres de

diferentes raças e classes sociais 20

Empobrecimento das mulheres 23

Insatisfação com o trabalho 27

Efeitos psíquicos da sobrecarga de cuidado

29 Pressionadas, violentadas e esgotadas 36

QUEM CUIDA DAS MULHERES?

Esgotadas e em busca de uma solução 40

Cuidar de quem cuida é responsabilidade de todos 42

Agradecimentos 47

Ficha técnica 47

Referências 48

ESGOTADAS: O EMPOBRECIMENTO, A SOBRECARGA DE CUIDADO E O SOFRIMENTO PSÍQUICO DAS MULHERES

Mais de 1 bilhão de pessoas viviam com algum transtorno mental ou causado pelo uso de substâncias antes da pandemia. Mais da metade eram mulheres. Só no Brasil,

7 em

cada 10 pessoas diagnosticadas

com depressão e ansiedade eram mulheres.

(INSTITUTE FOR HEALTH METRICS AND EVALUATION - 2019)

A Organização Mundial da Saúde decretou o fim da emergência sanitária global em 2023, mas as sequelas dessa crise aguda, sobretudo na saúde mental das mulheres, permanecem.

Para entender como está a saúde emocional das brasileiras depois da pandemia, decidimos perguntar a elas quais aspectos da vida têm gerado sofrimento e insatisfação atualmente e de que forma elas cuidam

da própria saúde mental.

Os resultados assustam, mas não surpreendem:
quase metade (45%) das entrevistadas
possuem um diagnóstico de ansiedade,
depressão ou algum outro tipo de transtorno
mental.

INTRODUÇÃO

A ansiedade, transtorno mais comum no Brasil, faz parte do dia a dia de 6 em cada 10 mulheres brasileiras, de acordo com a pesquisa inédita que realizamos com 1.078 mulheres, de 18 a 65 anos, em todos os estados do Brasil.

**TAMBÉM SÃO SINTOMAS
EXPERIMENTADOS POR
ELAS COTIDIANAMENTE.**

As mulheres chegaram esgotadas em 2020,
atravessaram uma das piores crises do século e,

mesmo com seu fim, continuam esgotadas em 2023.

A situação financeira apertada, as dívidas, a remuneração baixa e a sobrecarga de trabalho estão entre os fatores que mais impõem sofrimento e impactam a saúde mental das mulheres.

INTRODUÇÃO

Não é possível falar sobre a saúde mental dessa parcela da população considerando apenas fatores biológicos, como metabolismo, ciclos reprodutivos e hormônios.

É essencial incorporar a perspectiva de gênero — e suas interseccionalidades com raça, classe e outras diferenças — e entender como elas influenciam as relações sociais e as condições de saúde mental tanto das mulheres quanto dos homens, uma vez que os transtornos e o sofrimento vivenciado por eles podem significar mais violência, mais sobrecarga e mais vulnerabilidade para elas.

O QUE É IMPORTANTE PARA AS MULHERES, É IMPORTANTE PARA NÓS.

A Think Olga reafirma seu compromisso em jogar luz nos problemas enfrentados pelas mulheres e se debruça sobre a saúde mental da população feminina por entender que não há futuro possível se o sofrimento delas não for cuidado imediatamente.

Nesta edição do Lab Think Olga 2023 que você lê a seguir, além de apresentar os resultados desta pesquisa

inédita e exclusiva que revela quais aspectos da vida têm impactado a saúde emocional das brasileiras no pós-pandemia e que estratégias elas têm usado para cuidar de si, reunimos dados, estudos e a opinião de quatro especialistas para desvendar as estruturas sociais que impõem sofrimento e podem contribuir para o adoecimento das mulheres.

INTRODUÇÃO

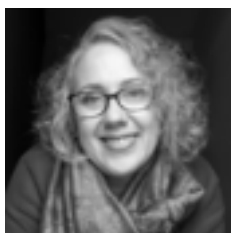
5

ESPECIALISTAS ENTREVISTADAS:



Debora Elianne

psicóloga no projeto social Vivencer (www.vivencer.com.br), mestra em Educação e Coordenadora Discente no curso de Especialização em Fenomenologia Decolonial e Clínica Amplia da NUCAFE.



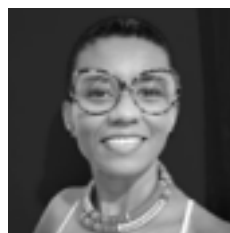
Jaqueline Gomes de Jesus

psicóloga e doutora em psicologia social, professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural da Escola Nacional de Saúde Públi



Juliane Callegaro Borsa

ca Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz. especialista em saúde mental feminina. Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS), com doutorado e pós-Doutorado em Psicologia (UFRGS).



Regina Facchini

antropóloga e psicanalista, pesquisadora doutora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu e professora permanente do programa de pós-Graduação em Ciências Sociais e Antropologia Social da Unicamp.

**VEJA OS PRINCIPAIS
TRECHOS DAS
ENTREVISTAS **AQUI****

PANORAMA DA SAÚDE MENTAL FEMININA

PANORAMA DA SAÚDE MENTAL FEMININA

**ANTES DE MAIS
NADA: O QUE É
SAÚDE MENTAL?**

O conceito de saúde mental vai além do diagnóstico de transtornos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a saúde mental como um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de utilizar suas habilidades cognitivas e emocionais, lidar com as demandas e o estresse cotidianos e contribuir para a sua comunidade. A saúde mental é um componente integral da saúde e qualidade de vida das pessoas, e engloba o bem-estar emocional, psicológico e social.

A saúde mental não é apenas a ausência de transtornos, mas também contempla a presença de recursos sociais e ambientais e capacidades emocionais e cognitivas que promovam o bem estar mental.

PANORAMA DA SAÚDE MENTAL FEMININA

A SAÚDE MENTAL NO BRASIL

Segundo o último relatório da organização internacional IHME (The Institute for Health Metrics and Evaluation),



49
de pessoas viviam com algum tipo de transtorno

Destes, **53%**

milhões por uso de
mental ou causado substâncias em 2019 eram mulheres.
no Brasil.

Elas representam quase dois terços das pessoas com transtornos de ansiedade e depressão, enquanto os homens são a maioria entre os transtornos causados por uso de álcool e outras drogas.

AS BRASILEIRAS ESTÃO ANSIOSAS E DEPRIMIDAS

transtorno mental no Brasil, **1** antes mesmo da pandemia.

cada 4

38

mulheres viviam com algum

LIDERANÇA

PREVALÊNCIA DE TRANSTORNOS MENTAIS E

POR USO DE SUBSTÂNCIAS NO BRASIL E NO MUNDO

INDESEJADA

Brasileiras

e brasileiros

Brasil Global

adoecem mais

que a média

global

19 mil

a cada 100 mil habitantes

13,3 mil

S
O
T
U

9

PANORAMA DA SAÚDE
MENTAL FEMININA

relacionados
ao uso de
substâncias

TOTAL 2.432.893

HOMENS E MULHERES: DIFERENTES ESTRATÉGIAS

67%

53%

Homens

PREVALÊNCIA DE
TRANSTORNOS NO
BRASIL POR SEXO

67%

Mulheres

Transtornos

ansiedade

TOTAL

17.319.782

53%

Transtornos de

63%

Homens

57%

Mulheres

24%

Mulheres

52%

Mulheres

68%

Homens

Transtorno de déficit de atenção/
hiperatividade TOTAL 3.953.653

76%

M

H

T

L

A

Homens

E

H

S

O

F

E

T

Transtornos

PANORAMA DA SAÚDE MENTAL FEMININA

Homens

Transtornos
depressivos

TOTAL

8.931.544

91

0

2

1

3

M

H

I

E

N

O

I

T

U

I

A

V

E

D

O

N

A

S

C

I

E

T

E

U

T

I

T

relacionados

S

N

I

I

E

T

N

O

F

T

O

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

F

10

IMPACTO DA PANDEMIA

dos novos casos de transtornos de ansiedade foram registrados em

com maior prevalência entre as faixas de 20 a 40 anos para depressão e de 15 aos 40 anos para ansiedade.

ênica até 2020 **298**

rência até 2020

DE ANSIEDADE

1988

C TRANSTORNOS

DEPRESSIVOS

$d_i - 9_1$

milhões

$$d_i - g_1$$

milhões

76,2

THEORY

ca **malas ós**
os adic. ionais Causados

então des
são adic. ionais causados

Essas mulheres negras, [...] tiveram que dar conta da irritação desses maridos desempregados que passaram a ficar em casa com seus filhos, tiveram que dar conta dos processos de adoecimento dos seus filhos nesse período e elas tiveram que fazer isso muitas vezes em casas pequenas, com pouco espaço de vazão para poder respirar, elas tiveram que segurar as agressividades e violências decorrentes de toda essa redução de espaço, elas tiveram que se tornar professoras. Elas tiveram que lutar para fazer todo mundo acreditar naquilo que elas também não acreditavam que era: nós vamos ficar vivos. Isso demanda muito gasto energético, muito gasto psíquico [...] Só que a conta começou a chegar e aí nós estamos encontrando mulheres extremamente cansadas num período que os seus filhos precisam recomeçar a acreditar na vida que os seus maridos estão retomando o mercado de trabalho e elas estão esgotadas.”

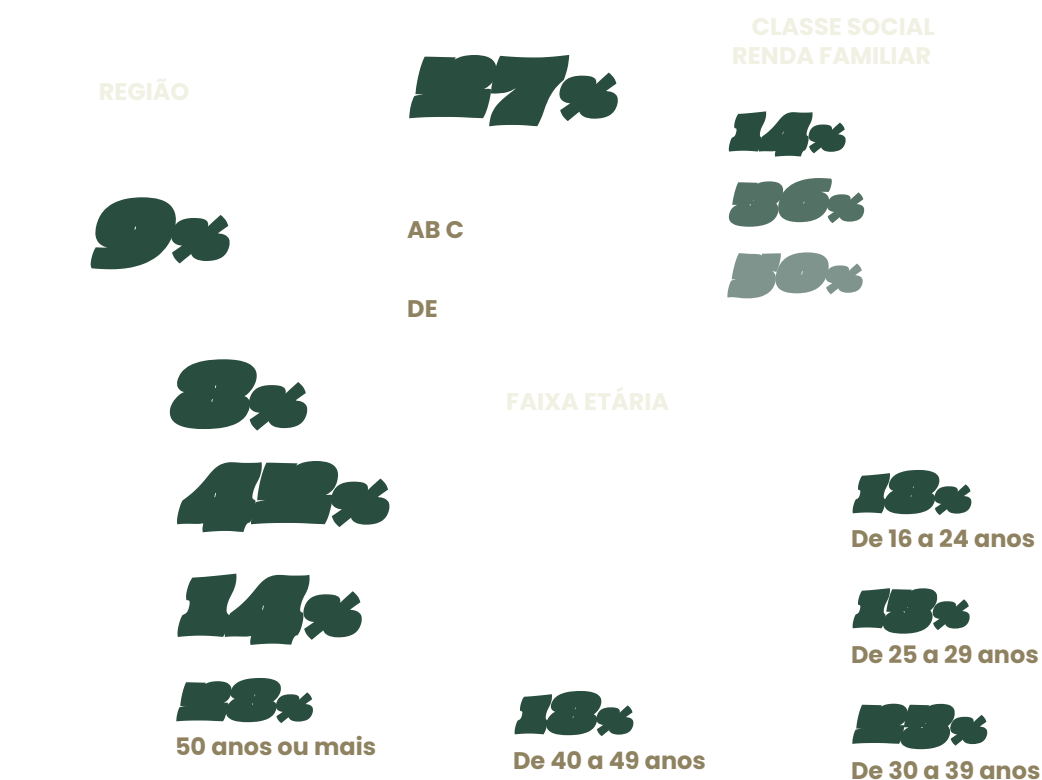
**Debora Elianne, psicóloga
no projeto social Vivencer**

**VEJA
ENTREVISTA
NA ÍNTEGRA
AQUI**

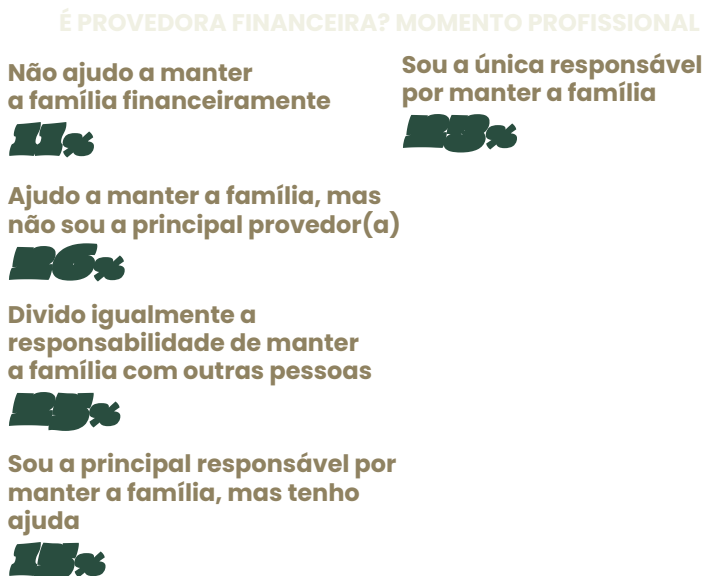
ONDE ESTAMOS HOJE?

Para entender como está a saúde mental das brasileiras hoje, entrevistamos **1078 mulheres** com mais de 18 anos de todas as classes e de todas as regiões do país. As entrevistas foram realizadas online entre os dias 12 e 26 de maio de 2023. A margem de erro é de 3 pontos percentuais e o intervalo de confiança é de 95%.

UM RETRATO DO BRASIL



PANORAMA DA SAÚDE MENTAL FEMININA





14

PANORAMA DA SAÚDE MENTAL FEMININA

ESGOTADAS, PORTANTO

ADOECIDAS

JÁ FOI DIAGNOSTICADA COM ALGUM

TRANSTORNO MENTAL?

Não possui nenhum

desses

Ansiedade

e

Depressão

Síndrome do pânico

Transtorno alimentar

Transtorno afetivo

bipolar

Transtorno

obsessivo-compulsi

vo Transtorno

explosivo

intermitente

ACOMPANHAMENTO
MÉDICO?

FAZ

SIM

NÃO

2% 1%

68%

3 2%

55%

35%

17%

7%

3% 2%

QUASE METADE DAS
ENTREVISTADAS JÁ FOI
DIAGNOSTICADA COM
ALGUM TRANSTORNO
MENTAL

SENTIMENTOS

FREQUENTES NO DIA A DIA

ansiedade

INJEÇÕES DIÁRIAS DE ANSIEDADE E ESTRESSE



ANSIEDADE E
ESTRESSE ATINGEM A
ROTINA DE METADE
DAS MULHERES
BRASILEIRAS.

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

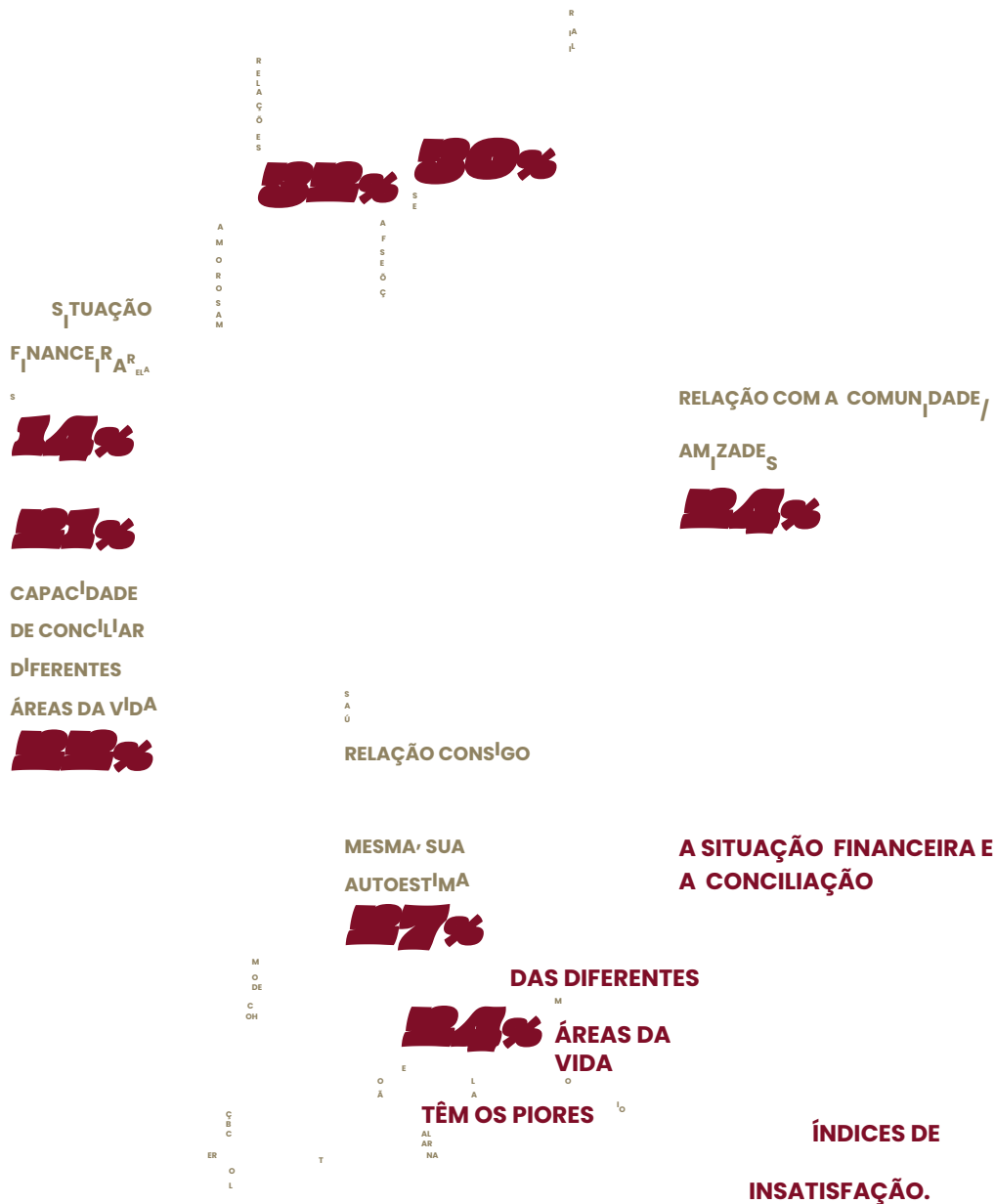
ÍNDICE DE INSATISFAÇÃO COM AS ÁREAS DA VIDA

Perguntamos às brasileiras qual sua satisfação em relação a diversas áreas da vida e quais delas têm gerado mais sofrimento e impactado sua saúde emocional.

A notícia é: poucas delas se dizem muito satisfeitas.
Os índices de satisfação máxima estão em torno dos

30% e se referem às relações familiares e amorosas.

INSATISFEITAS



O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

ESGOTADAS PELA FALTA DE DINHEIRO

Situação financeira e remuneração baixa são fatores de insatisfação

ESTRUTURA FINANCEIRA TRABALHO RELAÇÕES

Situação
financeira
restrita/apertada

48%

Dívidas

56%

Dependência
financeira de terceiros

82%

Medo de ficar
desempregada

18%

Desemprego do
cônjuge/outra

parente **10%**

Desemprego

5%

Fome/desnutrição

o **4%**

Remuneração

baixa **52%**

Sobrecarga de
trabalho
doméstico

82%

Invisibilidade / falta
de reconhecimento
no trabalho

81%

Jornada de trabalho
excessiva (dupla,
tripla) **80%**

Falta de plano
de carreira

19%

Pressão e
competitividade no
ambiente

corporativo **14%**

Medo de ser
demitida **11%**

Poucas
amizades/
amizades tóxicas

85%

Solidão/Pouca
interação social

84%

Árdua jornada de
cuidado/trabalho
doméstico

80%

Falta de parceria do
companheiro(a)

19%

Problemas amorosos
e conjugais
(ex: separação,
desentendimentos

etc.) **17%**

Problemas/
responsabilidades
com filhos

16%

Falta de rede de
apoio **16%**

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

Pressão estética

26x

Excesso de redes
sociais

22x

Não poder viver de
acordo com quem
eu sou de verdade

21x

Pressão da família/
comunidade para fazer
algo que não quero

21x

Medo de ser
malvista/ mal falada

18x

Medo constante de
sofrer violência
(sexual, urbana,
policial,
doméstica, racista,
lgbtfóbica, etc)

16x

Sinto que sou alvo de
atitudes machistas

21x

Sinto que sou
discriminada por conta
da minha classe social

9x

Sinto que sou alvo
de atitudes

racistas **4x**

Sinto que sou alvo de

atitudes xenofóbicas

3x

Sinto que sou
alvo de atitudes
homofóbicas

2x

Morte de entes

querido
s

45x

x

Doenças físicas

53x

Acidentes

18x

***O sofrimento psíquico
é também sofrimento social.
É sofrimento psicossocial.
Não dá para desarticular as
duas coisas.”***

**Regina Facchini,
antropóloga e psicanalista**

ÍNDICES DE ADOECIMENTO ENTRE MULHERES DE DIFERENTES RAÇAS E CLASSES SOCIAIS

Mesmo antes da pandemia, as mulheres apresentavam mais transtornos mentais do que os homens: no Brasil, elas representavam **7 em cada 10 casos de depressão ou ansiedade**. Mas por que elas adoecem mais?

Ao longo da história, a norma imposta às mulheres frequentemente esteve associada ao comportamento masculino. A psicologia e a psiquiatria foram forjadas nesse contexto, levando grande parte dos comportamentos de mulheres que eram efeito das condições de opressão impostas a elas a serem tratados como transtornos. Além disso, **efeitos comuns produzidos pelas alterações hormonais associadas aos períodos pré-menstruais, puerpério e menopausa foram estigmatizados e caracterizados muitas vezes como problemas psíquicos**.

Inúmeros estudos já identificaram que desvantagens sociais associadas ao gênero feminino, como a maior exposição à **violência doméstica e sexual, oportunidades educacionais e de emprego limitadas e mais responsabilidades de cuidado**, podem contribuir para o aumento do risco de transtornos mentais entre as mulheres. A própria OMS reconhece a influência das disparidades de gênero na saúde mental.

Muitas vezes essas mulheres chegam no consultório para dizer eu estou muito triste, eu tenho vontade de tirar a própria vida. Eu não estou bem, eu só tenho vontade de chorar, eu tenho medo de tudo, eu não consigo relaxar. E aí vem o diagnóstico de ansiedade e depressão, totalmente descolado do contexto das experiências que essa mulher vive. Isso é um debate na área de saúde mental, porque a gente não consegue atomizar. É impossível. Não dá para você descolar a pessoa do seu contexto. Quando eu falo contexto e história, estou falando de contexto atual, a realidade atual, mas também essa cultura e esse cenário social e histórico no qual a gente está inserido.”

Juliane Callegaro Borsa,
psicóloga especialista em saúde
mental feminina

**VEJA
ENTREVISTA
NA ÍNTEGRA
AQUI**

Saúde mental também tem a ver com acesso à educação, habitação, alimentação, renda digna, emprego, transporte, cultura, entre outros.

“Você pode ter uma propensão genética. Há algo genético em alguns transtornos psíquicos. Mas é a atualização ambiental, o modo como as pessoas vivem cotidianamente que vai fazer com que esse sofrimento emergja. **É algo sensível e dependente das desigualdades**”, explica a antropóloga e psicanalista Regina Facchini em entrevista à Think Olga.

A SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NA HISTÓRIA

“Vaidade exagerada, aliada à tagarelice e exibicionismo marcantes: pintava-se demais, usava vestidos curtos, decotados e namorava muito.”

Essas foram as palavras usadas em relato médico sobre paciente internada em 1945, no Hospital Psiquiátrico do Juquery, em Franco da Rocha (SP), diagnosticada com esquizofrenia, e posteriormente submetida a cirurgia leucotomia pré-frontal, cirurgia realizada no cérebro popularmente conhecida como lobotomia.

Por muito tempo, comporta

mentos desviantes daquilo que era imposto e esperado de uma mulher foram tratados como doenças mentais. No início do século 20, mulheres foram internadas em hospitais psiquiátricos e até lobotomizadas pelo o que os médicos e a sociedade consideravam “mau comportamento”.

PARA CONHECER MAIS DESTA HISTÓRIA, THINK OLGA INDICA: EPISÓDIO 3: “HISTÉRICAS, LOBOTOMIZADAS E MEDICALIZADAS”, DO PODCAST CORPO ESPECULADO, PRODUZIDO PELA REVISTA AZMINA E O 37 GRAUS.

EMPOBRECIMENTO DAS MULHERES

A situação financeira é o que mais gera insatisfação para as brasileiras atualmente e pressiona muito mais a vida das mulheres negras e pobres.

ESGOTADAS PELO RACISMO E PELA POBREZA



Branças

23

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

A questão socioeconômica é uma variável importantíssima quando a gente fala de saúde mental. Quanto maior a vulnerabilidade socioeconômica, maior a vulnerabilidade emocional e vulnerabilidade em saúde mental.”

Juliane Callegaro Borsa, psicóloga especialista em saúde mental feminina

A POBREZA TEM GÊNERO E RAÇA

Em 2021, pelos critérios do Banco Mundial, 62,5 milhões de pessoas — ou 29,4% da população do Brasil — estavam na pobreza e, entre elas, 17,9 milhões (8,4% da população) eram extremamente pobres.

De acordo com o IBGE, a proporção de pessoas pretas e pardas abaixo da linha de pobreza (37,7%) era praticamente o dobro da proporção de pessoas brancas (18,6%).

Ainda segundo o IBGE, cerca de **62,8% das pessoas que viviam em domicílios chefiados por mulheres sem cônjuge e com filhos menores de 14 anos estavam abaixo da linha de pobreza.**

A chamada **feminização da pobreza** é um fenômeno

global: **de 70%** das pessoas

que vivem

mais

no mundo são
mulheres,

em situação de pobreza

segundo dados da ONU. No Brasil, esse fenômeno não pode ser dissociado dos recortes de raça e região do país onde vivem as mulheres mais pobres.

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

Um estudo da FGV apontou ainda para a acentuação da **feminização da fome** no Brasil durante a pandemia. A parcela de brasileiros que não teve dinheiro para alimentar a si ou a sua família em algum momento no ano anterior à entrevista subiu de 30% em 2019 para 36% em 2021. Porém, entre os homens, este percentual permaneceu estável variando entre 27% e 26% no mesmo período; entre as mulheres se intensificou, **saltando de 33% em 2019%, para 47% em 2021.** (FGV SOCIAL, 2022)

A pressão e a preocupação de colocar comida na mesa e pagar todas as contas da casa e da família recai sobre elas: **as mulheres são as principais ou únicas pro-**

vedoras em 38% dos lares.

Apenas **11% das entrevistadas afirmam não contribuir financeiramente** para pagar as despesas de suas famílias. Ou seja, prover também é uma obrigação delas.

QUASE METADE DAS BRASILEIRAS NÃO TIVERAM DINHEIRO PARA ALIMENTAR A SI OU A SUA FAMÍLIA EM ALGUM MOMENTO DE 2021

(FGV SOCIAL, 2022)

Passar fome gera um sofrimento mental infinito.

Quando a gente passa fome, a gente sente raiva, a gente fica decepcionado

com a gente, com a nossa lugar social e de um lugar existência, com as nossas de olhar para a sua vida e possibilidades de cuidar não enxergar o amanhã dos nossos. Então eu por estar com a sua penso que todo esse história fundamentada contexto, ele não tem no abandono”. como gerar outra coisa Debora Elianne, que não seja adoecimento psicóloga no projeto social . Isso é de outro lugar, que Vivencer não é o biológico, é de um

25

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

Sou a principal ou única provedora

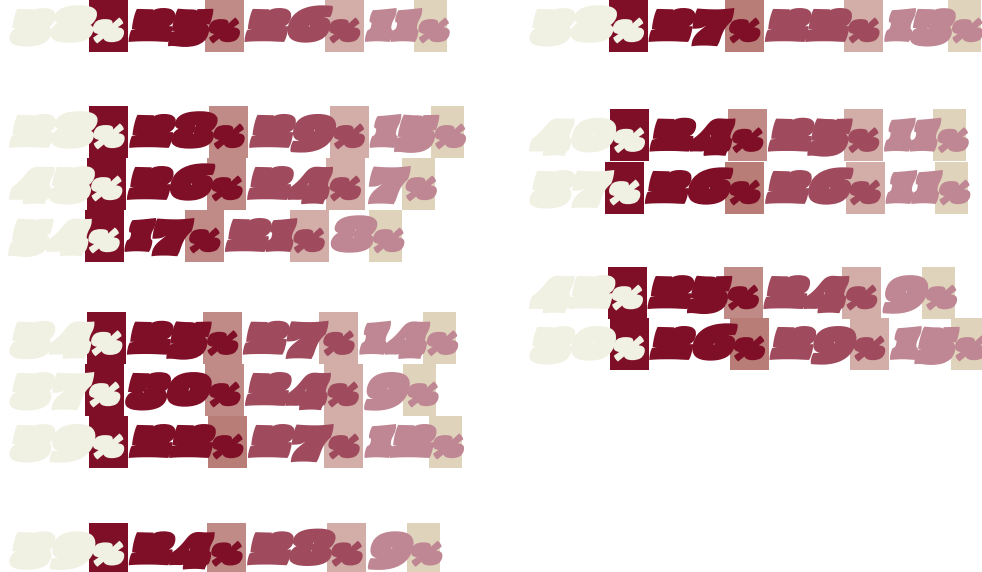
MAIOR VULNERABILIDADE E MAIOR RESPONSABILIDADE

PRINCIPAIS PROVEDORAS SÃO NEGRAS, DAS
CLASSES D E E E COM MAIS DE 55 ANOS

VOCÊ É A PRINCIPAL PROVEDORA FINANCEIRA DE SUA RESIDÊNCIA?

Divido igualmente a responsabilidade de manter a família com outras pessoas Ajudo a manter a família, mas não sou a principal provedor(a) Não ajudo a manter a família financeiramente

Geral	DE
18 a 35	Preta/parda Branca
36 a 55	LGBTQIA+
Mais de 55	Hétero
AB	Cuidadoras
C	Não cuidadoras



O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

INSATISFAÇÃO COM O TRABALHO

4 em

cada 10 mulheres entrevistadas está

insatisfeita ou muito insatisfeita em relação ao seu trabalho.

Os índices de são maiores entre as mulheres das classes C e D, entre as mulheres negras e as mulheres LGBTQIA+, e entre as mulheres de 18 a 29 anos.



10,8x

AS MULHERES,

As mulheres seguem ganhando menos que os homens e são mais impactadas pelo desemprego.

Uma brasileira recebe, em média, 78% do que ganha um homem pelo mesmo trabalho, na mesma função e hierarquia.

Pessoas pretas e pardas

O DESEMPREGO TEM DESTINO CERTO

20,4x

TAXA DE DESEMPREGO EM MAIO DE 2023

Mulheres

7,2x

Pessoas brancas

6,8x

EM ESPECIAL AS PRETAS E PARDAS, SÃO AS MAIS IMPACTADAS PELO DESEMPREGO.

Homens

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

mudar a situação financeira

ANGÚSTIA DA ESCASSEZ

A situação financeira e o trabalho são as áreas da vida que as brasileiras mais desejam mudar

querem mudanças no trabalho

60x

80x desejam

VIDA GO

QUALIDADE

POSSIBILIDADE

RESERVA CONDIÇÃO

POUPAR
SALARIAL

EMPRE

SOBRAR
ESTÁVEL

CÔNJUGE
MUDAR

TODAS

VIAJAR

PREOCUPAR

RENDA

TRANQUILA

SALÁRIO

FORMA
FONTE

FILHO
PRÓPRIO
CONFORTO

REMUNERAÇÃO

REMUNERAÇÃO

ECONOMIZAR

VIVER
DISPOR

GUARDAR
LIBERDADE

DE
CONFORTÁVEL

ELIMINAR
NEGÓCIO

GANHO

AUMENTO
FUTURO
EXTRA

TRABALHO

REMUNERADA

DINHEIRO

MERCADO

INVESTIR TENHO

COMO FIXA

INDEPENDÊNCIA
TEMPO

RECONHECIDA ÁREA

INDEPENDENTE
FINANCEIRAMENTE
RENDIMENTO

CONDIÇÕES

RICA

CONTROLE
SUFICIENTE

ESTABILIDADE

QUITAR
CONTA

FINAN
CEIRA

GASTOS
INDEPENDÊNCIA

FINANCEIRO
DESPESAS ORGANIZAÇÃO

MÊS

APOSENTAR

CASA

ACORDO

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

EFEITOS PSÍQUICOS DA SOBRECARGA DE CUIDADO

Desde 2020, quando a Think Olga lançou o Laboratório Mulheres em Tempos de Pandemia: Economia do Cuidado, nos dedicamos a jogar luz sobre a importância do trabalho do cuidado e as implicações de sua invisibilidade e desvalorização para a sociedade em geral, e em especial, para as mulheres. **O serviço de cuidar exige muito tempo, é mal pago (quando pago) e gera um esforço invisibilizado e contínuo.**

sobrecarregadas em 2020 e as mulheres continuam sobrecarregadas em 2023. A sobrecarga é uma das principais razões, senão a maior, do adoecimento das mulheres e da busca por ajuda e por cuidado em termos de saúde mental.”

Juliane Callegaro Borsa,
psicóloga
especialista em saúde mental
feminina

As mulheres chegaram

NOSSO RELATÓRIO SOBRE ECONOMIA DO CUIDADO
APRESENTA A
IMPORTÂNCIA E O VALOR DESSE
TRABALHO PARA A SOCIEDADE.

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

Então a gente aprende isso desde criança. [...] quando ganha bonequinha, quando nos dizem que a gente tem que cuidar da bonequinha, colocar a boneca pra dormir, né? Ou quando essas meninas acabam assumindo muitas vezes o cuidado dos irmãos mais novos, ou quando elas são convidadas a

cuidar do ajudar a mãe no cuidado da casa, enfim, nos trabalhos domésticos. Enquanto esse menino é estimulado a ajudar o pai fora de casa ou exercer outros papéis que não sejam de cuidar. [...] E isso nos coloca nesse lugar de que a gente tem que segurar o rojão o tempo todo. [...] E eu digo uma vez eu falei nasce uma mãe, nasce uma mulher culpada. Mas eu acho que se a gente pensar anterior a isso, nasce uma mulher, nasce uma pessoa culpada, porque a gente tem toda essa

expectativa que é colocada sobre a gente. A gente cresce com a missão de dar conta de tudo.”

Juliane Callegaro Borsa,
psicóloga especialista em
saúde mental feminina

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

O trabalho de cuidado envolve muitas horas e tempo dedicado ao cuidado com a casa e com as pessoas: dar banho e fazer comida, fazer faxina, comprar os alimentos que serão consumidos, cuidar das roupas (lavar, estender e guardar), prevenir doenças com boa alimentação e higiene em casa, cuidar de quem está doente, fazer café da manhã, almoço, lanches e jantar para os filhos, educar, e segue por horas a fio.

MULHERES DEDICAM O DOBRO DE TEMPO NAS TAREFAS DE CUIDADO

TEMPO DEDICADO SEMANALMENTE
EM TAREFAS DOMÉSTICAS

Mulheres

21,4
horas

enquanto os homens dedicam
apenas 572 horas (23 dias)

PERCENTUAL DE PESSOAS QUE
REALIZAM TAREFAS DOMÉSTICAS

Homens

79%

Mulheres

92%

Homens

11
horas

Em um ano as mulheres gastam
1.118 horas (47 dias) nessas tarefas,

91x

Pretas

94x

Pardas

92x

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

Quando a gente pensa nas mulheres negras e nos processos de adoecimento, tanto o que venho acompanhando no consultório, nos espaços acadêmicos, nos trabalhos de comunidade, acho que a sobrecarga de trabalho, a quantidade de responsabilidade, é uma responsabilidade que não é partilhada, não tem troca, em geral, toda aquela força que aquela mulher tem, ela vai, ela vai compartilhando com o outro, mas ela não tem uma troca de qualidade. E aí, esse movimento de

se doar sem receber e sem ter tempo de parada, acaba levando essas mulheres para um processo de adoecimento que só vai ser identificado quando chegar numa situação bem grave. Porque enquanto é possível continuar trabalhando, continuar fazendo e continuar se movimentando, elas não param, elas não param. Eu costumo dizer que são mulheres que se recusam a morrer. Essa necessidade, essa recusa em morrer, tem a ver também com o fato dessas mulheres, sobretudo mulheres negras, serem arrimo de família, serem as pessoas que estão ali dando conta do

cuidado todo também.”

ENTREVISTA NA ÍNTEGRA AQUI

**Debora Elianne, psicóloga
no projeto social Vivencer**

VEJA

Nesta edição do Lab Think Olga, buscamos identificar a percepção das próprias mulheres sobre o impacto do trabalho de cuidado em sua saúde. A sobrecarga de trabalho doméstico e a jornada de trabalho excessiva foram o segundo fator apontado pelas entrevistadas como tendo maior impacto em sua saúde emocional, atrás apenas das preocupações financeiras.

O trabalho de cuidado sobrecarrega principalmente as **mulheres de 36 a 55 anos** (57% cuidam de alguém) e **pretas e pardas** (50% cuidam de alguém).

temos uma atribuição da tarefa de cuidado para as mulheres. E o que vemos, em pesquisas ou no consultório, é que os homens buscam menos ajuda, esse cuidado dos homens sobre as mulheres no cotidiano familiar e isso tem um impacto no sofrimento das mulheres. Porque estamos falando aqui de sofrimento.”

Regina Facchini,
antropóloga e psicanalista

Socialmente

O IMPACTO NA SAÚDE

MENTAL  **em**

uma em cada 4 mulheres
que cuidam de alguém está

insatisfeita ou
extremamente
insatisfeita
com sua saúde
emocional

cada 5

não cuidadoras
relatam o mesmo

1 em

*Cuidadoras: entrevistadas que
marcaram que cuidam de
alguém

33

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

RESPONSABILIDADE DEMAIS

ADOECE

QUAL A SUA SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO A

SUA CARGA DE RESPONSABILIDADES? **INSATISFAÇÃO ENTRE MÃES SOLO E CUIDA**

INSATISFEITAS OU EXTREMAMENTE

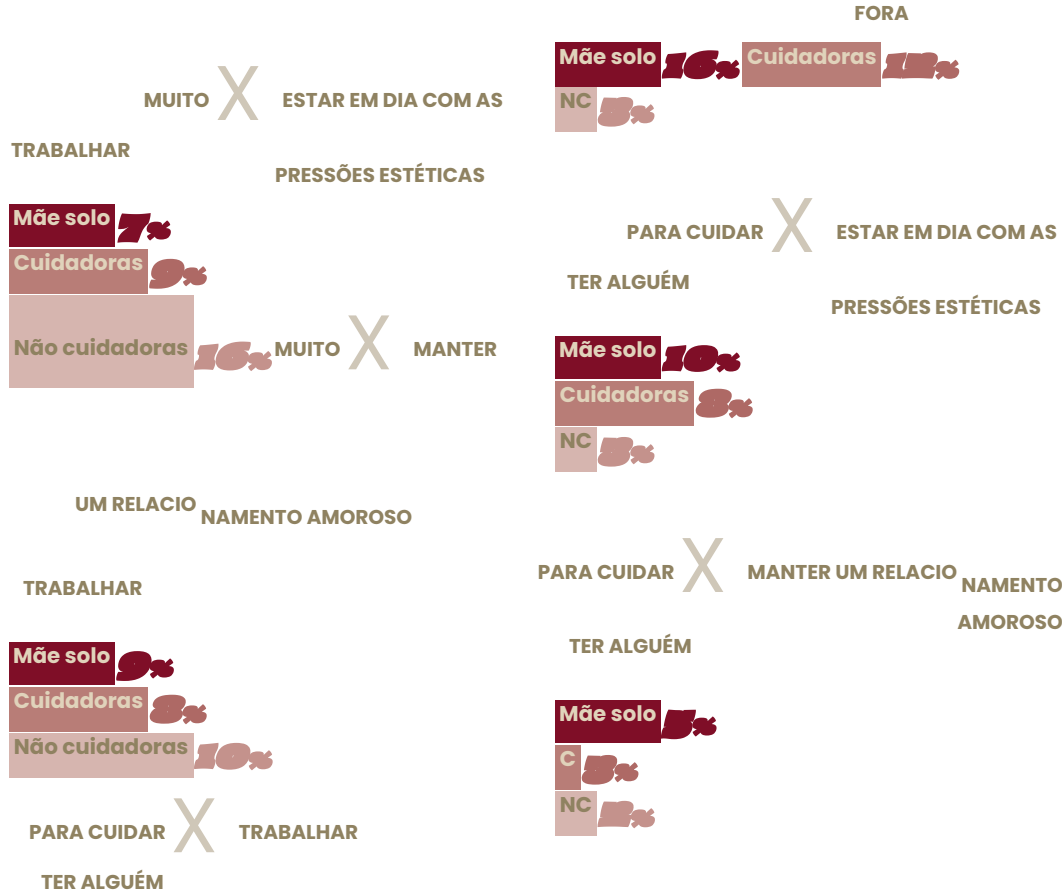
INSATISFEITAS:



O PESO DO CUIDAR

QUAIS ÁREAS DA VIDA VOCÊ SENTE MAIS DIFICULDADE DE CONCILIAR?





O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

QUANTO MAIS SOBRECARGADA, MAIS EMPOBRECIDA



CUIDADORAS E MÃES SOLO APONTAM A SITUAÇÃO FINANCEIRA APERTADA COMO UM DOS PRINCIPAIS FATORES DE IMPACTO NA SUA SAÚDE MENTAL EM MAIOR PROPORÇÃO EM RELAÇÃO ÀS DEMAIS

SITUAÇÃO FINANCEIRA

RESTRITA/APERTADA DÍVIDAS



Mãe solo. 48%

Cuidadoras. 58%

Não Cuidadoras 34%

As responsabilidades de cuidado também estão relacionadas a níveis mais altos de insatisfação com a situação financeira e o trabalho. Uma mulher sobrecarregada com o cuidado tem menos tempo ou condições para se dedicar ao trabalho remunerado. Uma mulher sem renda digna tem precarizadas suas condições de vida e suas condições de cuidar. Precisamos entender que o adoecimento psíquico é também o resultado dessa conta que não fecha e pressiona de maneira sobrehumana a saúde mental das mulheres.

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

PRESSIONADAS, VIOLENTADAS E ESGOTADAS



Para além dos problemas financeiros e a sobrecarga do trabalho de cuidado, outros fatores impõem sofrimento psíquico às mulheres:

PRESSÕES ESTÉTICAS

e

as VIOLÊNCIAS DE GÊNERO.

A obrigação de corresponder aos padrões de beleza impostos impacta negativamente a saúde mental de **26% das entrevistadas**

e afeta sobretudo as mulheres mais jovens.

Essas expectativas culturais e sociais sobre a aparência física das mulheres são frequentemente moldadas por padrões de beleza inatingíveis e irreais e têm um impacto significativo na saúde mental das mulheres.

Não por acaso, a baixa autoestima e a insatisfação com o corpo também são fatores mencionados pelas entrevistadas pelo seu impacto negativo em sua saúde emocional. Conectado a isso está o fato de que

as mulheres representam 68% dos diagnósticos de pessoas com transtornos alimentares no Brasil.

As violências de gênero, ou o medo constante de sofrê-las, também exercem uma forte pressão na psique das mulheres. **O medo constante de sofrer violência é citado por 1 em cada 6 (16%) entrevistadas como fator de impacto em sua saúde**

O medo não é infundado: no Brasil, quase 60 mil mulheres sofreram violência diariamente em 2022. O equivalente a um estádio lotado. (FBSP, 2023)

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

Mesmo uma mulher branca e heterossexual vive esse medo constante de sofrer violência.

Claro que numa escala diferente de outras mulheres, de pessoas LGBTQIAP+, de pessoas negras e indígenas, mas o medo vai estar presente. O medo em si é uma realidade da nossa cultura e já traz danos históricos.”

Jaqueline Gomes de Jesus, psicóloga e doutora em psicologia social

são 75% das vítimas de violência física e sexual no Brasil, mas pretas e pardas são ainda mais afetadas, representando 55% e 60% dos casos registrados, respectivamente. (VITAL STRATEGIES, 2023).

Tais violências podem ter impactos severos na saúde mental das mulheres. Ao longo da vida, mulheres que sofreram esses tipos de violência podem desenvolver transtorno de estresse pós-traumático, depressão, transtornos alimentares, ansiedade, distúrbios sexuais, maior propensão ao abuso de álcool e outras substâncias; comprometer sua satisfação com a vida, com o corpo, com atividade sexual e com as relações interpessoais e aumentar risco de suicídio.

Uma pesquisa que levantou dados do SUS revelou que **mulheres**

Tanto as pressões estéticas como as violências são assuntos enormes e cheios de desdobramentos. Mereceriam um estudo específico para cada uma. Por esse motivo, fizemos uma opção consciente de

não abordá-las em profundidade neste relatório, para focar, neste momento, em como a pobreza e a sobrecarga imposta às mulheres implicam em uma precarização de sua saúde mental.

O QUE ESTÁ ADOECENDO AS MULHERES

Quando as pessoas nascem não tem um ego constituído. Elas têm pulsões. Aos poucos, vai desenvolvendo esse ego e, mais tarde, vai desenvolver o superego. E o que é o superego? São aquelas orientações que a sociedade nos dá de quais são os ideais que a gente tem que atingir na vida. E esse superego tá todo atravessado pelas relações sociais de poder. A questão da superação, do lugar que o amor ocupa na vida das pessoas, a questão racial. O ideal social deste superego é

que as pessoas sejam brancas. Como é possível ser uma pessoa negra, numa sociedade que diz que você tem que ser branco, que o sucesso é branco, que a racionalidade é branca, que a beleza é branca. A mesma coisa para pessoas lésbicas ou bissexuais. O ideal é um ideal heterossexual. A gente conta os momentos da vida por uma história que tem a ver com as ocorrências preconizadas socialmente para a vida afetivo-sexual de pessoas heterossexuais. As pessoas trans ficam quase como uma impossibilidade lógica. Como você se constitui socialmente, com tantas pressões? E qual é a possibilidade de poder se afirmar como

*um sujeito?
Essas estruturas vão
conformando a
subjetividade e o
sofrimento.”*

Regina Facchini,

antropóloga e psicanalista
ENTREVISTA NA ÍNTEGRA AQUI

VEJA

QUEM CUIDA DAS MULHERES?

QUEM CUIDA DAS MULHERES?

ESGOTADAS E EM BUSCA DE UMA SOLUÇÃO

Apesar do cenário, a boa notícia é que a importância do tema é quase uma unanimidade entre as brasileiras:



das entrevistadas afirmam

76%

estão buscando prestar mais
atenção a ela, principalmente
após a pandemia

Só 11% afirmam que não cuidam da sua saúde emocional de nenhuma forma. Quando perguntadas sobre psicoterapias/ análise, quase metade das mulheres (49%) não sente necessidade de usar este recurso. Entre as que dizem considerar esse cuidado, para 29% delas a psicoterapia se apresenta como uma solução cara, elitizada e portanto inacessível. A maioria aposta em outras formas de manter o bem-estar.

QUEM CUIDA DAS MULHERES?

FAZ TERAPIA, PSICOTERAPIA,
ANÁLISE ETC.?

22%

78%

SIM NÃO

Pesquisei e me informo
sobre saúde mental por
conta própria

49%

Não tenho dinheiro/ Acho
que custa
muito caro

29%

Não tenho tempo

11%

Não tenho profissionais

POR QUE NÃO FAZ TERAPIA/
PSICOTERAPIA/ANÁLISES

disponíveis perto de mim

7%

Não sei como funciona/
Como buscar profissionais

5%

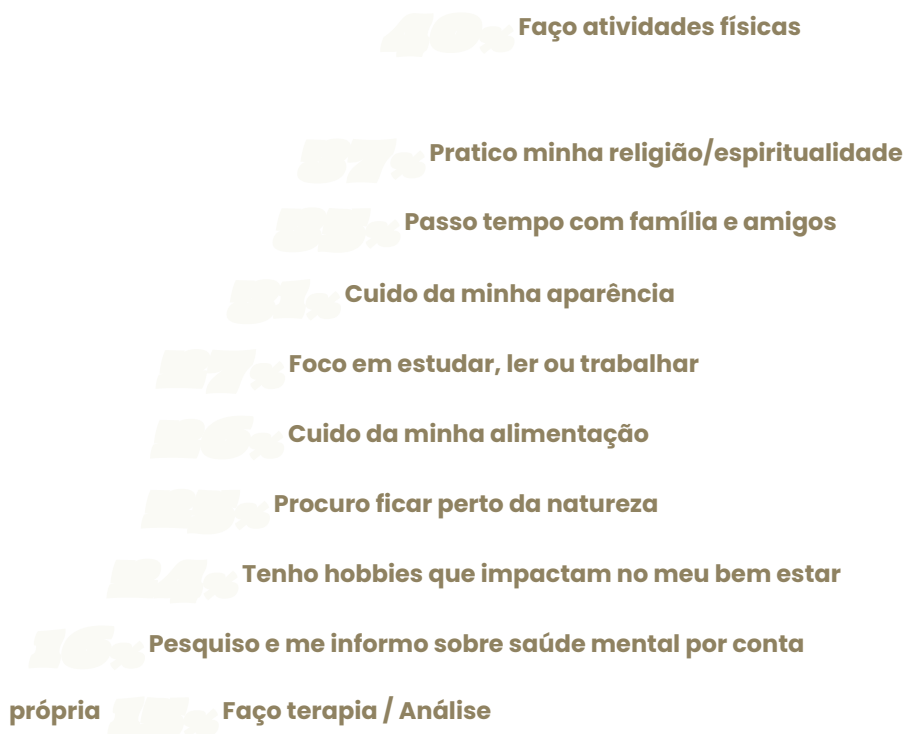
Não acho
que vou obter resultados

3%

Outro motivo

6%

O QUE PRÁTICA/ADOPTA QUANDO SENTE QUE A SAÚDE EMOCIONAL NÃO VAI BEM



QUEM CUIDA DAS MULHERES?

CUIDAR DE QUEM CUIDA É RESPONSABILIDADE DE TODOS

As mulheres reconhecem que não são as únicas responsáveis por cuidar da própria saúde emocional e também atribuem às instituições governamentais, de saúde e empresas privadas essa tarefa.

ESTADO É VISTO COMO MAIOR RESPONSÁVEL PELA SAÚDE MENTAL

Instituições governamentais têm responsabilidade na saúde emocional dos brasileiros

54%

responsabilidade na saúde

17%

emocional dos

brasileiros Instituições de saúde têm

15%

Empresas privadas têm responsabilidade na saúde

emocional dos brasileiros

pela minha própria saúde

8%

emocional Eu sou o único

responsável
responsabilidade na saúde

6%

emocional dos

brasileiros Instituições religiosas têm

QUEM CUIDA DAS MULHERES?

Como Think Olga, fazemos coro e reforçamos que **essa responsabilidade deve ser compartilhada.**

O adoecimento e o sofrimento mental das mulheres não podem ser mais negligenciados.

Quando questionamos as especialistas sobre as formas de lidar com esta crise, todas apontaram as **políticas públicas** como o melhor caminho. Mas ressaltaram: não dá para pensar a saúde mental descolada dos outros setores da sociedade e da vida.

Então, para que a vida das mulheres e as vidas de quem elas cuidam sejam efetivamente valorizadas, as ações individuais, da sociedade civil, do setor privado e sobretudo do setor público precisam ir além do olhar sobre a doença e passar a pensar o cuidado, a sobrecarga e a feminização da pobreza de maneira intersetorial e conectada.

TRAZEMOS AQUI, ALGUNS **PONTOS DE PARTIDA** QUE NÃO SE PRETENDEM DEFINITIVOS, MUITO MENOS EXAUSTIVOS, MAS PODEM AJUDAR A AGUÇAR A PROPOSIÇÃO:

QUEM CUIDA DAS MULHERES?

43

SOCIEDADE CIVIL

- Ampliar a consciência da população sobre a importância e a contribuição do trabalho de cuidado para toda a sociedade
- Promover a valorização e incentivar a divisão igualitária do cuidado
- Acompanhar, pressionar e cobrar que governantes criem e apoiem projetos de lei que contemplem uma maior valorização, divisão e remuneração do trabalho de cuidado
- Promover o debate para desmistificar estigmas e tabus sobre a saúde mental

- Promover o debate sobre o cuidado e a saúde mental das mulheres
- Cobrar governantes para que ampliem a oferta e o acesso aos serviços de saúde mental para a população
- Apoiar o empoderamento de agentes e comunidades para fortalecer o cuidado nos territórios

A gente vai ter que criar estratégias sociais de cuidado em saúde mental. Um exemplo é a preparação das comunidades para uma escuta mais qualificada. Isso vai ser muito importante, porque não tem um sistema único de atenção à saúde mental de forma mais ampla. E mesmo o SUAS, na assistência social, ou SUS, com os Centros de Atenção Psicossocial, não vão ser suficientes para tanta gente.”

Jaqueline Gomes de Jesus, psicóloga e doutora em psicologia social

QUEM CUIDA DAS MULHERES?

SETOR PRIVADO

- Promover condições de trabalho e remuneração dignos, de acordo com parâmetros de bem-estar social
- Garantir salários iguais para homens e mulheres e corrigir

também disparidades raciais

- Manter um ambiente de trabalho livre de assédio sexual e moral
- Instituir licenças-parentais que promovam o envolvimento de ambos os responsáveis no cuidado dos filhos e permitam que mulheres não tenham suas carreiras prejudicadas pelo trabalho de cuidado

- Oferecer apoio psicológico às funcionárias sempre que necessário
- Difundir práticas saudáveis de cuidados em saúde mental
- Oferecer apoio a mulheres em situação de violência doméstica
- Oferecer treinamento e suporte a líderes para que possam lidar com as crises do dia a dia desencadeadas por questões de saúde mental

A gente precisa dessa grande equipe para conseguir acolher essas mulheres nas suas muitas demandas que estão surgindo nesse período. Mas acolher psicologicamente é urgente, porque psicologicamente exausto, a gente não consegue dar os próximos passos.” Debora Elianne, psicóloga no projeto social Vivencer

QUEM CUIDA DAS MULHERES?

SETOR PÚBLICO

- Investir, fortalecer e ampliar o cuidado em saúde mental no SUS e nas redes de assistência social respeitando os princípios da reforma psiquiátrica
- Implementar uma Política Nacional de Cuidados que promova

uma nova divisão sexual do trabalho ao garantir as necessidades e o direito aos cuidados de todas as pessoas a partir da organização do Estado

- Implementar e fortalecer políticas de transferência de renda focadas em mulheres, considerando os fenômenos da feminização da pobreza e da fome

- Investir em políticas de educação que promovam o debate sobre o cuidado e a saúde mental
- Desenvolver e implementar políticas que reduzam as desigualdades de gênero e raciais na distribuição de renda, acesso ao trabalho digno e disparidades salariais

“As soluções não devem estar centradas no conceito de patologia, mas pensando que o sofrimento psíquico é também sofrimento social, é sofrimento psicossocial. Não dá para desarticular as duas coisas e, portanto, a política para melhorar a saúde mental não é só de saúde mental”.

Regina Facchini, antropóloga e psicanalista

REFERÊNCIAS E AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

Às especialistas Debora Elianne, Jaqueline Gomes de Jesus, Juliane Callegaro Borsa e Regina Facchini, que gentilmente nos concederam entrevistas para ajudar a elaborar este relatório.

FICHA TÉCNICA

Silvana Martins

DIREÇÃO EXECUTIVA THINK OLGA

Maíra Liguori e Nana
Lima

GESTÃO DE PROJETO

Luciana Nogueira

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Priscila Silvério – Gestão
Marjana Antunes –
Coordenação

PESQUISA, ANÁLISE E REDAÇÃO
Leda Antunes

CONSULTORIA DE DADOS E
ESTATÍSTICA Caroline Ferraz

IDENTIDADE VISUAL

DIREÇÃO DE ARTE

Marília Filgueiras

PESQUISA QUANTITATIVA

Opinion Box – Produção
de dados quantitativos

PRODUÇÃO DO SITE

N! FATORIAL

ASSESSORIA DE IMPRENSA

PinePr

ESPECIALISTAS

CONSULTADAS Regina
Facchini

Debora Elianne R. de
Souza Jaqueline Gomes
de Jesus Juliane
Callegaro Borsa

REFERÊNCIAS E AGRADECIMENTOS

REFERÊNCIAS

RENNÓ, J.; Valadares, G; et al. Women's Mental Health: A Clinical and Evidence-Based Guide. Springer Nature Switzerland, 2020.
DISPONÍVEL EM
[HTTPS://LINK.SPRINGER.COM/BOOK/10.1007/978-3-030-29081-8](https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-29081-8)

Zanello, Valeska. Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

Federici, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Rio de Janeiro: Elefante, 2017

Araujo, T.M.; Pinho, P.S.; Almeida, M.M.G. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. Rev. Bras. Saude Mater. Infant. 5 (3) • Set 2005. DISPONÍVEL EM [HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S1519-38292005000300010](https://doi.org/10.1590/S1519-38292005000300010)

ROSA, L.C.S; CAMPOS, R.T.O. Etnia e gênero como variáveis sombra na saúde mental.

Saúde em Debate • Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 648-656, out./dez. 2012

American Psychological Association, Girls and Women Guidelines Group. (2018). APA guidelines for psychological practice with girls and women.

DISPONÍVEL EM

[HTTP://WWW.APA.ORG/ABOUT/POLICY/PSYCHOLOGICAL-PRACTICE-GIRLS-WOMEN.PDF](http://www.apa.org/about/policy/psychological-practice-girls-women.pdf)

World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: World Health Organization; 2022

Instituto Cactus e Instituto Veredas.

“Caminhos em Saúde Mental”. São Paulo, 2021. DISPONÍVEL EM [HTTPS://INSTITUTOCACTUS.ORG.BR/WP-CONTENT/UPLOADS/2022/02/LIVRODIGITAL_CAMINHOSSAUDEMENTAL_FINAL.PDF](https://institutocactus.org.br/wp-content/uploads/2022/02/LIVRODIGITAL_CAMINHOSSAUDEMENTAL_FINAL.PDF)

SIMÕES-BARBOSA, R.H.; DANTAS-BERGER, S.M. Abuso de drogas e transtornos alimentares entre mulheres: sintomas de um mal-estar de gênero?.

Cad. Saúde Pública, v. 33, 2017. DISPONÍVEL EM [HTTP://WWW.SCIELO.BR/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI_ARTTEXT&PID=S0102311X2017000103001&LNG=EN&NRM=ISO](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2017000103001&lng=en&nrm=iso).

Global Burden of Disease (2019) Institute for Health Metrics and Evaluation (IHME). DISPONÍVEL EM [HTTPS://WWW.HEALTHDATA.ORG/DATA-VISUALIZATION/GBD-RESULTS](https://www.healthdata.org/data-visualization/gbd-results)

World Health Organization. Preventing suicide. A global imperative. Geneva: World Health Organization; 2014.

Maia, G; Sales, G; Pretto, N. O crescimento dos indicadores de depressão no Brasil entre 2013 e 2019. Nexo Jornal, 2022. DISPONÍVEL EM [HTTPS://PP.NEXOJORNAL.COM.BR/DADOS/2021/10/01/O-CRESCIMENTO-DOS-INDICADORES-DE-DEPRESS%C3%A3O-NO-BRASIL-ENTRE-2013-E-2019](https://pp.nexojornal.com.br/dados/2021/10/01/O-CRESCIMENTO-DOS-INDICADORES-DE-DEPRESS%C3%A3O-NO-BRASIL-ENTRE-2013-E-2019)

Santomauro, D.F; Mantilla Herrera, A.M; Shadid, J; et

al. Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the COVID-19 pandemic. Lancet, 2021. DISPONÍVEL EM [DOI.ORG/10.1016/S0140-6736\(21\)02143-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)02143-7)

FGV Social. Insegurança Alimentar no Brasil: Pandemia, Tendências e Comparações Globais. Maio de 2022. DISPONÍVEL EM [HTTPS://CPS.FGV.BR/FOMENAPANDEMIA](https://cps.fgv.br/fomenapandemia)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde 2019. DISPONÍVEL EM [WWW.IBGE.GOV.BR/ESTATISTICAS/SOCIAIS/SAUDE/9160-PESQUISA-NACIONAL-DE-SAUDE.HTML](http://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html)

Folha de S.Paulo. Mulheres negras têm maior risco de sofrer violência física e sexual no Brasil. Publicado em 20 de junho de 2023. DISPONÍVEL EM [HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/COTIDIANO/2023/06/NEGRAS-TEM-MAIOR-RISCO-DE-SOFRER-VIOLENCIA-FISICA-E-SEXUAL-NO-BRASIL.SHTML](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/06/negras-tem-maior-risco-de-sofrer-violencia-fisica-e-sexual-no-brasil.shtml)

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Visível e Invisível: a vitimização das mulheres no Brasil – 4ª edição. 2023. DISPONÍVEL EM [HTTPS://FORUMSEGURANCA.ORG.BR/PUBLICACOES_POSTS/VISIVEL-E-INVISIVEL-A-VITIMIZACAO-DE-MULHERES-NO-BRASIL-4A-EDICAO/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-4a-edicao/)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua anual 2019. DISPONÍVEL EM [HTTPS://AGENCIADENOTICIAS.IBGE.GOV.BR/AGENCIA-SALA-DE-IMPRESA/2013-AGENCIA-DE-NOTICIAS/RELEASES/27877-EM-MEDIA-MULHERES-DEDICAM-10-4-HORAS-POR-SEMANA-A-MAIS-QUE-OS-HOMENS-AOS-AFAZERES-DOMESTICOS-OU-AO-CUIDADO-DE-PESSOA-S](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoa-s)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua mensal. Maio 2023. DISPONÍVEL EM [HTTPS://BIBLIOTECA.IBGE.GOV.BR/INDEX.PHP/BIBLIOTECA-CATALOGO?VIEW=DETALHES&ID=73086](https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73086)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2021, pobreza tem aumento recorde e atinge 62,5 milhões de pessoas, maior nível desde 2012. Publicado em dezembro de 2022. DISPONÍVEL EM [HTTPS://AGENCIADENOTICIAS.IBGE.GOV.BR/AGENCIA-NOTICIAS/2012-AGENCIA-DE-NOTICIAS/NOTICIAS/35687-EM-2021-POBREZA-TEM-AUMENTO-RECORDE-E-ATINGE-62-5-MILHOES-DE-PESSOAS-MAIOR-NIVEL-DESDE-2012](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35687-em-2021-pobreza-tem-aumento-recorde-e-atinge-62-5-milhoes-de-pessoas-maior-nivel-desde-2012)

SOBRE A THINK OLGA

Quem Somos

A Think Olga é uma ONG que visa sensibilizar a sociedade para as questões de gênero e intersecções, além de educar e instrumentalizar

pessoas que se identifiquem como agentes de mudança na vida das mulheres. O resultado deste trabalho traz soluções criativas para velhos e novos problemas e colabora com a construção de um mundo mais igualitário e justo.

O Laboratório Think Olga é nossa forma de produzir dados, conceitos, propostas e argumentos, que possam colaborar com um debate público de qualidade,

dirigido a diferentes setores da sociedade. Com estes relatórios em mãos, é possível pautar transformações no âmbito privado, público e no setor privado.

Conheça mais no nosso site

www.thinkolga.com

REALIZAÇÃO